

Saudades de Pacheco e Silva

DÚLIO CRISPIM FARINA

Um longo período da vida paulista acaba de desaparecer com a morte do prof. Antônio Carlos Pacheco e Silva. Tempo de sonho e labor, claro luminoso de inteligência, talento, ciência e cultura, atributos primordiais da personalidade do inolvidável mestre.

Vinha ele de velhos troncos, antigas cepas paulistas e ibéricas. Descendia daquele grande Duarte Pacheco em que o rei de Cochin saudava a fé e o engenho Portucaleense: "nom há cousa no mundo que os portugueses nom fação se quizerem". Suas raízes inseriam-se fundo na metrópole e nos Açores.

Descende a família Pacheco de Fernão de Jeremias, que viveu nos fins do século XI e era natural de Burgos, rico-homem de D. Afonso VI de Leão. Parece ser filho de Jeremias Mendes e neto de Mem Fernandes, um rico-homem do rei D. Ordonho.

Teria acompanhado o conde D. Henrique de Borgonha na sua ida a Portugal, o qual deu terras em Barrosas, nas proximidades de Guimarães, onde fez seu solar com casa acastelada. Pôs-lhe o nome de Ledesma por ser natural da vila do mesmo nome, em Espanha. Recebeu também a terra de Ferreira de Aves, no bispado de Viseu.

Mais antiga que a nacionalidade portuguesa, teve Palo Fernandes (filho de Fernão Jeremias), que lutou no campo de Ourique e no cerco de Lisboa. Feitos valorosos registra a história lusa e o padre Cláudio Clemente escreveu esta quadra relativa às armas dos Pachecos:

*Estas caldeiras gravadas
De oro, e preto misto
Se vieron aqui fixadas
Antes de la venida de Christo*

João Rodrigues de Sá, o ilustre quinhentista, também verseejou acerca da ilustre linhagem dos Pachecos, deixando as seguintes quitilhas:

*Em campo douro assentadas
caldeiras douro luzente
com cabeças de serpente
nas sas fayxas veiradas
são armas dantigua gente*

*Pachecos, de tal ventura
em soster, & ter seguros
sua nobreza, & crescendo,
quem tempo de casa sendo
anda lhagora dura.*

Na História de Espanha, dirigida por R. Menendez Pidal (tomo II, Espanha Romana, pág. 254) Bosc Gimpeira e Aguado Bleye declaram, a

A Associação Paulista de Medicina, através deste Suplemento Cultural, vem prestar homenagens à memória do professor Antônio Carlos Pacheco e Silva, recentemente falecido.

Por sugestão do presidente desta entidade, professor Nelson Guimarães Proença, o Departamento Cultural convidou o dr. Dúlio Crispim Farina, o maior historiador da Medicina Paulista e Brasileira, para relembrar o grande mestre do humanismo, das ciências e das letras.

Pacheco e Silva veio ao mundo e floresceu de formas diferentes, para frutificar como o espargir da chuva, nos vários campos do saber.

Na Academia Paulista de Letras, em cujo sodalício ocupava a cadeira 34, o acadêmico Paulo Bonfim iniciou sua manifestação de pesar e respeito à memória do homenageado assim:

"Tomba um roble/ quase centenário/ E trinta e nove árvores choram/ Em volta de sua clareira."

Chora-se também na Ciência e na Cultura, que antes recebiam a sagrada sombra protetora.

Guido Arturo Palomba



propósito da guerra de Júlio César contra os filhos de Pompeu (descrita no De Bello hispaniense): "El primer acoto militar de César fué la tentativa de levantar el sitio de Ulia, y encomendó su ejection a un espanól de la Bética, lhamado Luctius Julius Paciaecus (el cognome, Pacheco, aun se usa)...; tal personalidade por causa da etimologia deste apelido, já tinha sido referido por Jungfer (Weber Personenam Span und Portugals, 1902, pág. 6) e por Jungfer e Pajares (Apellidos y nombres de lugar hispano marroqueses pág. 32). Alguns autores (e José Pedro Machado, entre eles) afirmam que o primeiro a ter esse cognome em Portugal, na Idade Média, foi Fernão Rodrigues Pacheco, 5.º senhor de Ferreira de Aves (Beira Alta) e alcaide de Celórico da Beira, que defendeu, em 1245, contra o conde de Bolonha (futuro Dom Afonso III). O seu descendente, João Fernandes Pacheco (filho do 8.º Senhor de Ferreira de Aves), deu origem em Castela aos marqueses de Vilena e duques de Escalona.

A alcunha Pacheco, adotada por Fernão Rodrigues de Ferreira e seus descendentes como honroso nome de fami-

lia, talvez provenha do lendário estrategema empregado pelo alcaide, fiel a D. Sancho II, a fim de afastar de Celórico o sitiante conde de Bolonha. É a famosa "estória" da água e da truta, que figuram no brasão d'armas local: o castelo estava quase a render-se por falta de manti-

mentos; uma água voo-lhe por cima e deixou cair do bico uma truta. Fernão Rodrigues mandou-a cozinhar e enviou-a calmamente ao conde de Bolonha como prova de fartura de comida no castelo. Os ardis alimentícios sempre foram usados... E o cerco levantado.

A raiz Pach, de origem pre-romana, indicaria "gordura" ou "fleugma". Os caldeirões e serpentes, no brasão de armas da família, talvez simbolizem o mesmo acontecimento ducentista.

Duarte Pacheco Pereira, cavaleiro dos mais notáveis da história da Índia Portuguesa, autor do "Esmeraldo de Situ Orbis", por seus feitos, teve armas novas por carta de 2 de agosto de 1504, dadas pelo rei de Cochin.

Amava relatar mestre Pacheco e Silva suas radiculas pertencentes aos Arruda Botelhos e Lacerda Francos, estes últimos pelo lado materno.

Em verdade, nele perpassavam também todo o envolver de Piratininga: Os dias iniciais venticentos, o povoamento, a luta contra o corsário agressor, o ciclo do açúcar e o do café, a preta, as entradas e os feitos maiores do sertanismo, bandeiras e monções.

Com a evolução de São Paulo surgiu também o paulista com suas energias, reservas formidáveis de ação, as jornadas de labor e conselhas infundadas na torreira do sertão, mas e principalmente o seu compromisso jamais inter-

rompido com a justiça, a lei e o direito.

O prof. Antônio Carlos Pacheco e Silva era filho do Cel. Pêrsio Pacheco e Silva e de Escolástica de Lacerda Pacheco e Silva. Foi casado em primeiras núpcias com Lavínia Souza Queiroz Pacheco e Silva e, em segundas, com Dirce Rudge Pacheco e Silva. Do primeiro matrimônio teve os filhos: Antônio Carlos Filho, Pêrsio, Clarita e Maria Cecília, netos e bisnetos.

Ainda na meninice, com seu mano Domicio, estudou em Paris, morando com seu parente, o sempre lembrado médico e embaixador Gabriel Piza.

Gabriel Piza, médico, clinico em Itatiba, ao lado de Honório Libero, este mais tarde legista na Polícia de São Paulo, porfiando na diuturna lida, sempre dedicado e eficiente. O filho José Libero segue-lhe os traços. Rubião Meira recordou seu nome "sempre puro naquela atmosfera pesada que é a que envolve as perícias médicas legais".

Gabriel de Toledo Piza e Almeida, nascido em Porto Feliz aos 27 de setembro de 1851, republicano histórico, companheiro de lutas de Martinho Prado Jr., Campos Sales, Francisco Rangel Pestana, Prudente de Moraes e Antônio Pinheiro Machado, chefiou nossa legação em Paris, durante 21 anos, até meados de 1911.

Oliveira Lima, historiador e diplomata, da atuação de Piza no cargo deixou-nos expressiva manifestação. Enalteceu-lhe a seriedade, o caráter, o talento, a autoridade incontestável e permanente, a hospitalidade larga, sem ser exagerada, invariavelmente paga do seu bolso, não pesando sobre os orçamentos próprios da representação. A composição constituía o seu ideal, nos modos, como nos princípios que nos regulam. De superioridade moral, tinha a intransigência de convicções, de máximas e de atos. Personalidade eminentemente grave a que se somavam as virtudes da sua esposa, realçadas pela sua afabilidade. O ilustre pernambucano registrou: tudo se reunia portanto - compostura do casal, patriotismo e educação filosófica do marido, simpatia e bondade da mulher - para que o Brasil conserve daqueles que durante 21 anos representaram tão dignamente, em Paris, a recordação grata e comovida. Acresce dizer que Gabriel Piza era adepto da doutrina de Augusto Comte, e sua conduta foi sempre pautada pelas diretrizes do autor do "Catecismo positivista", fundado na "moral e na razão".

Esse clima moral e intelectual de altíssima controvérsia vai influir no menino Antônio Carlos, sedimentando o que de forma bem estruturada trouxera do lar paterno, onde pontificava o patriarca Pêrsio Pacheco e Silva (também positivista). Em Paris conviveu com outro paulista, seu parente, Domingos Toledo Piza, que mais tarde, após bacharelar-se na Faculdade de Direito de Paris, iria, com as influências de Duffy e outros impressionistas, tornar-se famoso em nossa pintura, e na França, com quadros no Museu de Jeu de Paume, hoje no Quai d'Orsay.

ca Biológica, Antônio Dias de Barros, na Histologia; Alvaro Osório de Almeida, na Fisiologia, sábio como o era seu irmão Miguel Osório; Luiz Antônio da Silva Santos, na Anatomia; Bruno da Silva Lobo, na Microbiologia, escritor de livros como "No Japão — Brasil — 1926" e de "Japões à brasileira — 1932"; Francisco Pinheiro Guimarães, catadrático de Patologia Geral; Agenor Guimarães Porto, na Terapêutica; Raul Leitão da Cunha, lente de Anatomia Patológica e escritor de temas de repercussão "A sífilis eleitora máxima",

Rodrigues Lima, professor de Neurologia, médico chefe do Hospital Nacional de Alienados, com extensa bibliografia e maior participação em Sociedades Médicas da França, Alemanha, Portugal, e também guindado à Academia Brasileira de Letras (cadeira 30) Belfort Roxo, na Clínica Psiquiátrica, influente no curso de especialidade nos dias estudiantis do nosso saudoso mestre.

Em verdade, tudo isto, o lar familiar, as tradições de seus pais e parentes, a roda dos afins, a cultura gaulesa, o pulsar nativista, sua alma generosa e predisposta, desprendida e exuberante de civismo e emulações, modularam o homem excepcional que tanto iria contribuir para a vida paulista, em múltiplos setores.

Logo depois da formatura partiu para a Europa onde fez estágio na Clínica Charcot, na Salpêtrière, Serviço do professor Pierre Marie. Fez-se amigo do grande Charles Richet, prêmio Nobel e tornou-se querido e respeitado também por Pierre Janet, primeiro estudioso da Psicosemia em 1903.

Pierre Marie (1853-1940) realizou importantes trabalhos sobre as moléstias nervosas e descreveu numerosas síndromes que levam o seu nome, a acromegalia, e muitos outros.

Outro grande médico, psicólogo e filósofo, Georges Duménil (1866-1945), influente em seu sentir e pensar, amigo enquanto durou sua vida.

O "Hospice de la Salpêtrière" teve seu nome graças à fábrica de pólvora — "Petit Arsenal Salpêtrière" — que já se ergueu em seu lugar, à margem direita do Sena.

Segundo Melaragno Filho, é incontestável que o verdadeiro berço na neurologia francesa (e mundial) foi a Salpêtrière. Lá, Jean Martin Charcot (1825-1893) lançou as bases da ciência neurológica, destacando-se dentro da Medicina Geral.

Na cátedra da Salpêtrière, passaram figuras da magnitude de Raymund, Déjérine, Pierre Marie (1916-23) e assistentes do porte de Babinski, Bouchard, Cestan, Siccard, Guillaín e Lhermitte.

Nos dias de Pierre Marie, formam-se excepcionais neurologistas como Crouzou, Leri, Charles Foix, Beyle, Van Gehuchten.

Pierre Marie "era revestido de uma acuidade invulgar de seu espírito de observação, pela simples inspeção visual

ropeu de estudos de aperfeiçoamento, assistiu as consultas de Babinski na Pittê. Na Suíça, trabalhou com Bleuler e Monakow; na Alemanha, com Krapelin.

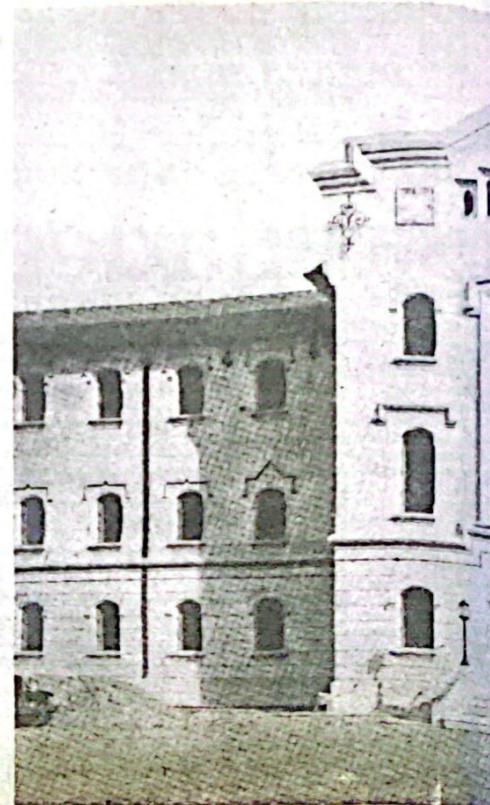
Durante seu estágio na Salpêtrière conheceu o prof. Constantino Triakoff, neuropatologista, russo de nascimento e radicado em Paris. De retorno a São Paulo, convenceu Franco da Rocha, diretor do Hospital do Juqueri, para que contratasse Triakoff para a criação naquele frenocômio de um laboratório de Anatomia Patológica. Processaram-se desde logo trabalhos de grande valor permanente. Com os decênios vão integrar esse núcleo de Anatomia Patológica os professores Walter Maffei e Rui Piazza.

Longe ia o dia 14 de maio de 1882, quando foi instalado em São Paulo o Hospício de Alienados, em casa alugada de propriedade de Felizardo Antônio Cavalheiro e Silva, gestão do presidente da província José Tomás Nabuco de Araújo. Sanava-se a barbárie com que eram tratados esses infelizes, despidos da razão, então lançados nas cadeias até morrerem e metidos sem culpa junto a criminosos, e entre eles sofrendo violências que revoltavam a humanidade.

Eram os ecos da ação de Pínel na Salpêtrière — que não tardou a atingir a Paulicéia. Registram as crônicas que no ano de 1829, com o auxílio do poder municipal, em uma casa da rua das Flores, a cargo da Santa Casa de Misericórdia, organizou-se um recolhimento para alienados. Precário e pobre de recursos, contudo, serviu até meados do século dezenove.

Com o nome de Asilo Provisório de Alienados da Cidade de São Paulo, inaugurou-se em 14.5.1852 o hospício paulistano. Os trabalhos de instalação já vinham desde 18.9.1848.

Presidindo a cerimônia encontrava-se o dr. José Tomás Nabuco de Araújo. Ingressaram no nosocômio três doentes, dos quais um era réu condenado à pena de morte. Quase quatorze anos mais tarde foi transferido da avenida São João, local inicial, para a Várzea do Carmo, aos 10.3.1862. Em 1852, o hospício de alienados foi ter abrigo numa casa da rua São João nas proximidades do largo dos Curros (atual praça da República), onde funcionou até 1862, ou segundo alguns historiadores, em 1864,



Entrada principal do Manicômio Judiciário de São Paulo

rio ou do Menezes, pertenceu a Francisco de Assis Lorena, filho do governador Bernardo José de Lorena.

Na Tabatinguera serviram, dedicados, os preclaros Francisco Franco da Rocha, Claro Homem de Melo e João Cesar Rudge, precursores da enorme messe de exponenciais psiquiatras deste torrão paulista. Merecem registro na história do manicômio da Tabatinguera os nomes dos administradores alferes: Tomás de Alvarenga, falecido em 29.4.1868, e de Frederico Antônio de Alvarenga, continuador do zelo e dedicação paternos.

Com o apoio dos presidentes Cerqueira César e Bernardino de Campos pôde Francisco Franco da Rocha atender as recomendações do Congresso Internacional de Alienados, reunido em Paris em 1889, preconizador da criação de um Hospital-Colônia. Inaugurou-se em 18 de maio de 1898 a Colônia do Juqueri. Durante quase vinte e cinco anos dedica-se Franco da Rocha devotadamente à instituição por ele criada. Em fevereiro de 1923, abandonando concomitantemente sua cátedra da Faculdade de Medicina de São Paulo, entregou a Pacheco e Silva a direção do nosocômio para que prosseguisse no roteiro traçado. A indicação de Franco da Rocha bastou porém para Washington Luiz, que logo nomeou o jovem e brilhante especialista antes mesmo de haver completado vinte e cinco anos de idade. Em carta endereçada a Antônio Carlos, Franco da Rocha já traçava o esboço de sua tempera e capacidade: "procurei um homem moço, correto, de moral irrepreensível e grande estudioso, cientista por tempera-

mento e capaz de se sacrificar por causa da ciência. É quem vai tornar aos ombros essa pesada tarefa, que a outros, menos conscientes, parecerá coisa simples e lucrativa. Aceite você essa carga em benefício do Estado, pelo qual todos devemos nos sacrificar".

A previsão se realizou. Concluiu o novo pavilhão para mulheres, aparelhou o laboratório de Biologia e Anatomia Patológica. Iniciou a publicação das "Memórias do Hospital Juqueri" e instalou a Seção de Radiologia. Criou cargo de cirurgião, para as emergências, nomeando o irrequieto dr. Argemiro Siqueira, veneranda figura, cultor das artes, colecionador diferenciado de pintura acadêmica. Com o afastamento deste ilustre escultor, indicou o eminente e mui saudoso prof. Antônio Bernardes de Oliveira, também humanista e beletrista. Pacheco e Silva sempre sabia rodear-se de espíritos afins, cujas empatias demonstravam as qualidades que exornavam. Em seu tempo de direção do Hospital Juqueri este atingiu seu ápice, em organização, administração e metodologia científica. Hospital-escola, formava uma elite, senhora da psiquiatria clínica e forense. Destacaram-se, entre tantos, outros tantos, os que logo também foram mestres: Mario Yahn, Anibal Silveira, André Teixeira Lima, Osório César, Átila Ferreira Vaz, seu brilhante sócio de guilhões Atilio Fiore, Sales Barros, Brás da Silva, Paulo Fraletti, Landgraf de Carvalho, Tarcísio Pinheiro Cintra, José Roberto Bellelli, José Américo dos Santos, Carlos Hojai, Alfredo Terra...

Terminou o curso médico em 1920 pela Faculdade do Rio de Janeiro

Antônio Carlos Pacheco e Silva recordou sempre, com envolvimento, essa quadra da meninice e juventude. Dizia dos longos passeios a Montmartre, então dominada por moínhos de vento e os matadouros da cidade. Permanciavam impressões na memória e na retina as visões da trepicante Lutécia, da belle époque, os Boulevards des Italiens, des Capucines, a saída da ópera, os teatros, as carruagens, os automóveis pioneiros, toda uma vida, uma sociedade e uma quadra para sempre imolada pela primeira conflagração mundial. Ao ouvi-lo renasciam plenas de vida, e emoção, os personagens fixados nos desenhos de Daumier e Gavarni.

Retornando ao Brasil vai cursar a Faculdade de Medicina na antiga corte, no Rio de Janeiro, a velha escola de Santa Luzia, junto à praia e à Misericórdia, lugar sagrado do sofrimento humano, o mais belo edifício da cidade como pareceu, de bordo, ao napolitano Rodriguez, aqui arribado na comitiva da imperatriz Tereza Cristina.

A Santa Casa, edificação ampla, com a entrada principal à beira da praia de Santa Luzia, tão próxima que o doutor Menezes Brum, ao lamentar que as crianças escrufulosas não tomassem banho de mar, dizia: "os doentinhos vivem como tântalos, à beira d'água, de que precisam, sem a poderem utilizar". Tinha a casa "longos corredores, esplendidamente iluminados a velas de ceras, guarnecidas de bons leitos, cobertos de musselina branca e de todos os acessórios. Vasos de flores reconfortando as pálidas fisionomias dos enfermos, filhos da infinita miséria humana."

Pacheco e Silva terminou o curso médico em 1920, em momento que a escola de medicina do Rio de Janeiro atingia um de seus máximos fastígios.

Luzeiro de valores destacados, avultava a ciência e cultura de médicos cujos nomes ainda resplandecem. Na Congregação peroravam Peçanha Gueiro do Amaral, na Quími-

1918, e "A Instrução no Brasil", 1920.

Entre os lentes de valor excepcional, ainda sobressaíam Maurício de Medeiros, na Patologia Geral, também deputado estadual e federal pelo Rio de Janeiro e chefe do Serviço de Neuropsiquiatria do Hospital Brasileiro, em Paris, durante a 1.ª Grande Guerra. Deixou livros que correram os chãos pátrios: Notas de um alcoolista (1906), Métodos em Psicologia (1932) etc. Em 1924-25, professou um curso de História da Medicina, na Faculdade do Rio de Janeiro, um dos primeiros assinalados de forma oficial. Completavam a Congregação nos dias acadêmicos de Pacheco e Silva, Rocha Faria e Júlio Afrânio Peixoto, na cadeira de Higiene; Miguel Pereira, o grande clínico e mestre em Clínica Médica, presidente da Academia Nacional de Medicina e soldado do Batalhão Acadêmico, participante do combate da Armação de 1893, e que nos legou entre tantos outros livros "A margem da Medicina" (1912) e "O problema da morte" (1913). E ainda gigantes entre atlânticos, Miguel de Oliveira Couto, ou mais simplesmente Miguel Couto, professor da 3.ª cadeira de Clínica Médica, conquistada em 1911; membro da Academia Brasileira de Letras (cadeira 40), patrono da medicina, ciência e caridade, nestes Brasis; e o magistral Aloysio de Castro, humanista, poeta, musicólogo, com obra vasta, numerosa e de alto quilate; na cirurgia, Severiano de Magalhães e Augusto Paulino Soares de Souza; e Fernando de Magalhães na Clínica Obstétrica e na Academia Brasileira de Letras, reveladoras de numerosas facetas do grande parteiro, excepcional orador, homem de letras e beletrista, intelectual fértil e nos deixar 173 volumes de alta ciência e cultura.

E para demonstrar as influências que se fizeram sentir na personalidade médica de Antônio Carlos Pacheco e Silva, nos tempos de formação estudiantil, é mister citar ainda Antônio Auzregesino

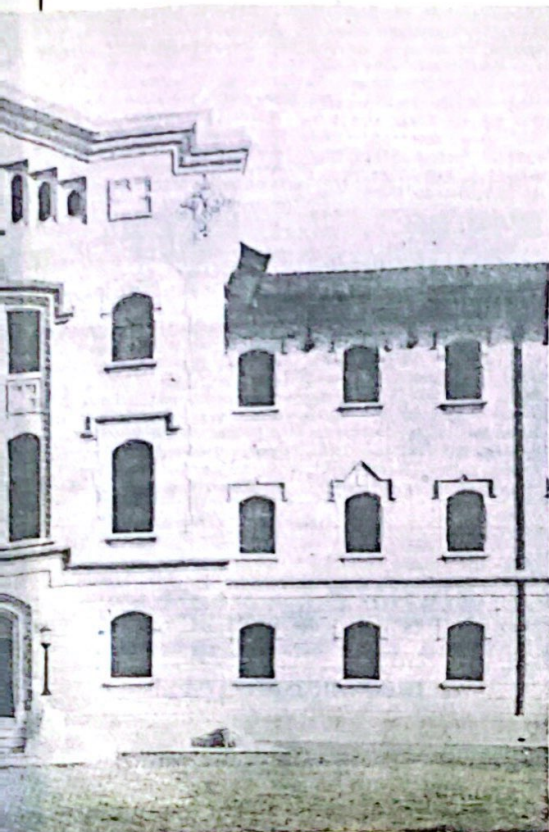
do paciente. Seguindo o método de Charcot, afeita sempre suas observações clínicas com os achados microscópicos" (apud Roberto Melaragno).

Antônio Carlos Pacheco e Silva, neste seu "sejour" eu-

quando passou para a chácara da ladeira da Tabatinguera. Neste teve recolhimento o infeliz poeta Santamarens Paulino Eiró, em uma de suas crises de agitação.

A chácara da Tabatinguera, também chamada do Usó-

Antes de completar 25 anos de idade assumiu a direção do Juqueri



34, uma das importantes obras criadas por Pacheco e Silva

Souza, Ricardo Gobbi, Guido Palomba, Orlando Góes de Moraes, Ibraim Matias e outros, e tantos e tantos mais.

Em bem verdade, com os fundamentos de Franco da Rocha coube a Antônio Carlos Pacheco e Silva estruturar a Escola Psiquiátrica do Juqueri. Ainda há pouco, trabalho de valia, denominado "Escola Psiquiátrica do Juqueri", do distinto psiquiatra forense e escritor de altos dotes, Guido Palomba, demonstra de forma pertinente e completa, o criador da Escola, o príncipe da psiquiatria de Piratininga, em sua ação e decorrência.

Antônio Carlos criou a Diretoria Geral de Assistência a Psicopatas, a qual se subordinavam o Departamento de Psicopatologia da Faculdade de Medicina, a Clínica Psiquiátrica e o Ambulatório de Higiene Mental, sendo o seu primeiro diretor. Em 1933, inaugurou o Manicômio Judiciário, cuja direção deixou em 1938, por imposição constitucional para optar pela cadeira da Faculdade de Medicina.

Amigo dos estudantes, foi paraninfo da turma de 1938 da USP. Também professor de Clínica Psiquiátrica da Escola Paulista de Medicina, foi seu fundador e prelecionou a aula inaugural. Em 1932 e 1933, ocupou a cátedra de Psiquiatria Clínica e Forense na Faculdade de Direito de São Paulo. Foi sua a cadeira de Serviços Sociais na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Em 1935, começou a exercer as funções de professor contratado da Clínica Psiquiátrica, na Faculdade de Medicina da USP, cargo em que foi efetivado a 24 de março de 1936, após

curso. Sucessivamente foi membro, vice-presidente e presidente do Conselho Penitenciário do Estado de São Paulo. Em 1951 e 1952, foi presidente do Sindicato dos Médicos do Estado de São Paulo, membro do Conselho de Peritos em Saúde Mental da Organização Mundial de Saúde (Nações Unidas), com sede em Genebra. Presidente da Federação Mundial para a Saúde Mental (único brasileiro a merecer tal posto). Representou o Brasil em diversos congressos de Psiquiatria, Higiene Mental, Criminologia e Histopatologia, realizados na Argentina, México, Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália, Suíça e outros países.

Também estruturador da cadeira de Psiquiatria da Faculdade de Medicina USP, teve como continuadores na regência da cátedra os seus antigos assistentes, professores Fernando Bastos, João Carvalho Ribas e José Roberto Albuquerque Fortes. Brilhante também o séquito de assistentes: Pedro Augusto da Silva, Paulo de Camargo, Amanda Calubi Novaes, Joy Arruda, Aristóteles Cardo, Alvaro Pacheco e Silva, etc, etc.

Conquistou todos os galardões na especialidade: presidente da "World Federation for Mental Health" (1960-1961); presidente da Comissão de Medicina Psiquiátrica da "The International Society for Clinical & Experimental Hypnosis" (1960-1962). Foi professor catedrático de Clínica Psiquiátrica de grandes escolas: Faculdade de Medicina da USP, Escola Paulista de Medicina e Faculdade de Direito de

São Francisco — USP. E também presidente da Liga Paulista de Higiene Mental, Associação Psiquiátrica Brasileira, Departamento de Psiquiatria da Associação Paulista de Medicina, etc, etc.

A epopéia paulista de 1932 teve-o como um soldado fiel e ardoroso. Ajudou, e muito, a escrever "o poema de nosso orgulho que vai de 9 de julho a vinte e oito de setembro". Auxiliou, e muito, a tecer uma bandeira constitucionalista. "Bandeira que é nosso espelho, Bandeira que é nossa pista, que traz no topo vermelho, o coração do paulista".

Sentindo bater no peito heróica pancada torna-se o modelador do MMDC, sigla evocadora de Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo, martírio e glória da jornada pela Constituição, trincheira que não se rendeu. Preso, na sala da capela, aceitou a circunstância com sobranceira e nas meditações sobre os desenganos políticos, mestre Pacheco foi sempre um paulista, pois ser paulista é ser grande no passado / E ainda maior nas glórias do presente / E ser a imagem do Brasil sonhado, / e ao mesmo tempo do Brasil nascente / Ser paulista é morrer sacrificado / Por nossa terra e por nossa gente!

É quando Pacheco e Silva mais avulta: com um civismo e um labor sem peias, em culto perene aos que tombaram val erguer o tributo ao Soldado de 32, na Comissão Central de Fundação do Monumento e Mausoléu ao Voluntário Paulista.

Primeira voz a se erguer na Constituinte de 34 pelo direito de todos à saúde

Primeira voz a se erguer na Assembléia Nacional Constituinte de 1934, em proselitismo enfático, pelo direito de todos à saúde. Teve a honra e o privilégio de colaborar na elaboração da Constituição Federal de 1934 e da Constituição Paulista de 1935, assinando-as.

Liberal por berço e formação, ligou-se a todos os movimentos cívicos e políticos de São Paulo e da nacionalidade, inclusive na fase histórica da redemocratização e aperfeiçoamento de nossas instituições. Filho e sobrinho de republicanos históricos e positivistas, aos quais se sentia preso e afeiçoado, nutria profundo respeito às qualidades de nosso segundo imperador. Cultuava o bem e o belo, era sensível às manifestações superiores da mente, defendia o primado do labor intelectual e as forças do espírito, do coraço e da inteligência. A colenda Revista da Academia Paulista de Letras (n.º 101, de outubro de 1982) publica conferência do mestre, proferida nesse sodalício a 24 de junho de 1982, intitulada "A Revolução Paulista de 1932, Figuras da Academia Nesse Movimento". Valiosa contri-

bução à história do movimento cívico, na passagem do seu cinquentenário. Reviveu com viva emoção os dias de entusiasmo do povo paulista com o fito de "restabelecer a legalidade do País e libertar São Paulo do jugo ditatorial que o oprimia, humilhava e enxovalhava". Recordou a ação de Alcântara Machado, Guilherme de Almeida (poeta e voluntário), Ibraim Nobre (augusto tribuno), Júlio de Mesquita Filho (arauto do movimento), Ernesto Lemo (jurisconsulto a empunhar arma, como simples fuzileiro, na primeira linha de fogo no batalhão heróico da Vila Queimada), Martins Fontes e seus magnos poemas, César Salgado (lutador na zona norte), Menotti Del Pichia (na chefia do gabinete do governador Pedro de Toledo), René Thioillier (soldado raso da Liga de Defesa Paulista), Flínio Barreto, Paulo Setúbal, Alfredo Ellis Jr., Cassiano Ricardo, Golfredo da Silva Telles, Altino Arantes (deportado), Aureliano Leite, Ernesto de Souza Campos, Luciano Gualberto, Monteiro Lobato, Roberto Moreira, Honório de Sylós (soldado da lei no setor sul, autor de Itararé, Itararé). E mais, Reinaldo Porchat, Alfredo Taunay, Ataliba Nogueira, Pedro Ferraz do Amaral, com a pena e o talento serviram a Piratininga e ao Brasil. Contribuição indispensável daqueles "que dearam as mais legítimas provas de amor à liberdade, quanto a defendê-la a todo transe". A bagagem literária de Pacheco e Silva inclui tantos outros

anualmente a usufruir das bênçãos das águas virtuosas da fonte, para muitos miraculosas.

Aliás, na portada do Nizza Suisse Hotel, existe uma placa comemorativa das visitas costumeiras de Eptácio Pessoa, frequentador habitual, iniciativa de amigos italianos e brasileiros a que se juntara mestre Pacheco e Silva. É mister que discípulos e amigos do mestre coloquem outra placa, ao lado da já existente para exaltar as passagens do mestre Pacheco por Montecatini.

gos colegas e pelo mano Domitio que foi extremado, em recíproco afeto, pelas sete partidas da vida.

Alfredo Buzaid, jurista, intelectual e orador primoroso apontou atributos da personalidade de Antônio Pacheco e Silva: "Ninguém rivaliza com ele na assistência aos amigos. Tanto que sabe que algum deles está enfermo ocorre de pronto, presta-lhe com a bondade de um santo a mais terna ajuda. Os seus conselhos reanimam os cansados como se fossem a mais eficaz medicina. Ninguém lhe

Franco da Rocha, em carta, enalteceu o seu espírito de renúncia e pertinácia

Conta-nos Roberto Melaragno Filho, grande neurologista paulista, que no lado esquerdo do portal de Salpetrière ergue-se em bronze uma estátua de corpo inteiro de J.M. Charcot, esculpida por Falguière em 1898. Entretanto, como fizeram com dezenas de estátuas de bronze, os alemães das tropas da ocupação em Paris a removeram em 1943 e a enviaram para a forja, a fim de fabricarem canhões. Restou apenas o pedestal. Embora a memória de Charcot não necessitasse de estátuas para perpetuá-la, o pedestal vazio não deixava de ser melancólico. Com esse vazio, injustiça ao mestre, não se conformaram dois médicos brasileiros: Aloysio de Castro e Antônio Carlos Pacheco e Silva. Descobriram em Paris os moldes com que a estátua fora construída e, chegados ao Brasil, organizaram uma subscrição entre médicos de São Paulo e do Rio para levantar os suficientes fundos para a sua construção. Através do professor Austregésilo Filho, a quantia angariada, 80 mil francos, foi pessoalmente enviada a Paris. Entretanto, nunca se soube do destino final dessa soma subscrita. A estátua jamais voltou a ser erguida. E até mesmo o pedestal desapareceu".

Franco da Rocha, em carta enviada a Pacheco e Silva, enfatizou seu espírito de renúncia e pertinácia: "vendo que nenhum outro se dedicava, como V., ao estudo da parte científica da psiquiatria, vendo que V. está disposto a abandonar tudo - clínica e mais pretensões dispersivas para só se entregar ao hospital e à ciência, de corpo e alma, resolvi apresentar o seu nome ao governo, na grande esperança de que V. trará fama a São Paulo e ao Hospital que eu criei, certo de que V. corresponderá à minha esperança".

Para renunciar, Pacheco e Silva hipertrofiou-se desde cedo nos labores e cuidados de clínica árdua, e nem sempre rendosa, pelo menos nos primeiros tempos, como a todos sói acontecer. Gostava de recordar os dias de esforço e canseiras, sempre apoiado nos bons companheiros; anti-

fez um pedido sem receber de imediato a proteção dádovos, ninguém lhe solicitou de empréstimo um livro, que o não recebesse em sua própria casa poucas horas depois; ninguém lhe solicitou um favor, que não colhesse, a máchelas, os benefícios de sua amizade. Embora Pacheco e Silva seja homem de ciência experimental e, portanto, objetivo e realista, o fundo de sua alma é lírico, apreciando a arte, a beleza e a poesia. Ne-la se transfunde o idealista, que é um constante sonhador. Ele sabe viver um mundo romântico".

Emulo de Juliano Moreira e de Franco da Rocha em nosso meio, de Miguel Bombarda, Júlio de Matos Magalhães Lemos e Júlio Dantas, em terras portucalenses, figura de idêntico porte e magnitude de Egas Moniz, Gregório Maranon, Cerletti e Charles Richet, engrandecido a cultura humanística e as letras do Brasil e da latitudinidade.

Presidente Nacional da Sociedade Brasileira de Médicos-Escritores; fundador e 1.º presidente da Sociedade Franco-Brasileira de Medicina; fundador e 1.º presidente da União Cultural Brasil-Estados Unidos; membro fundador da Academia Hispano-Brasileira de Ciências, Artes e Letras (cadeira que tem como patrono Cervantes); membro da Academia Paulista de Letras, cadeira 34, que tem como patrono Pedro Taques; membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, etc, etc, etc.

Extensa a correspondência do mestre Pacheco com grandes da Ciência e da Medicina de nosso tempo. Publica da no seu devido momento abriu os horizontes da participação brasileira no desenvolvimento cultural e científico, pelos seus expressivos valores; e também irá nos dizer dos liames de Pacheco e Silva a essas doudas cerebrições. Ele mesmo nos disse propósito de Egas Moniz: "vemos a grande ventura conhecer pessoalmente grande mestre lusitano, 1928, por ocasião da viagem que ele empreendeu ao país".

Coube nos à honra de recebê-lo no Hospital do Juqueri, onde exercíamos as funções de diretor. Desde logo nos sentimos vinculados por grande estima a tão nobre figura, acompanhando de perto sua gloriosa carreira de professor, investigador e cientista.

É necessário recordar que na 1.ª Conferência Internacional de Neuro-cirurgia, realizada em Lisboa, houve a definitiva consagração do

menores, publicados em opúsculos ou em revistas nacionais e estrangeiras. É interessante enunciar a bibliografia do estadista Armando de Sales Oliveira, os ensaios alusivos a Egas Moniz, "Contribuições dos psiquiatras portugueses à medicina do espírito", "Antônio Bernardes de Oliveira" e o magistral "A proteção aos insanos no II reinado" e "Primórdios da velha Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo".

Augusto da Silva escreveu belo esboço bibliográfico. Também publicado pelo Suplemento Cultural APM (n.º 22) apareceu bellissimo artigo "A Casa de Augusto Comte". Nesta morada, conduzindo pela mão amiga de Paulo de Berredo Carneiro, reviu a casa em que viveu grande parte de sua vida e onde nasceu o pai do Positivismo, situada à rua Monsieur-le Prince n.º 10, em pleno coração do Quartier Latin. Graças à diligência e à dedicação de nosso saudoso e antigo embaixador junto à Unesco, o museu reúne móveis, quadros, a rica biblioteca, os originais de suas preciosas obras, grande parte de sua correspondência, tudo no mais perfeito estado de conservação, na mais completa ordem, constituindo um centro de documentação invejável para quem quiser se aprofundar no estudo de sua vida e de sua obra. Nessa crônica perfeita, Pacheco e Silva aduziu: "não sou positivista. O meu interesse e minha comoção ao visitar aquela Casa têm, porém, uma explicação; na minha memória, quando vim a Paris, pela primeira vez, visitei a casa da rua Monsieur le Prince na companhia de meu saudoso tio, ministro Gabriel Piza, a quem devo a minha iniciação na filosofia positivista. Devo também a meu pai, cultor entusiasta dessa doutrina, valiosos ensinamentos que me foram, mais tarde, de grande utilidade para meus estudos psiquiátricos".



Dumas, escolher os professores franceses que deveriam reger as cadeiras da Escola de Filosofia, Ciências e Letras, quando de sua criação na Universidade de São Paulo. Ação de Armando de Sales Oliveira, Júlio de Mesquita Filho, Ernesto Leme, Ernesto Souza Campos, Antônio Carlos Pacheco e Silva.

Mas de uma vez vim-lo deter-se, reverente e entusiasmado, em análise da grande obra de Júlio de Matos. Parecia acariciar os tomos do imortal psiquiatra português: "Elementos de Psiquiatria", "A Loucura", "Doenças Mentais", "A Paranoia", "A Epilepsia" etc. Conhecia todos os autores dignos de nota da pátria irmã. João Gonçalves e a "Penitenciaría perante a loucura" (1907), "Criminosos loucos", de Paulo Osório (1906), Adrúbal d'Aguiar, Ângelo Fonseca etc. etc.

Da Itália, privava amizade com César Lombroso, Guglielmo Ferrero, Blasso, Paoli, Nicola Pende, Ferri e Garofalo e todos os demais.

Dos galeses, Gustavo Le Bon, Quatrefages, Luys, Abbé Tournoude, Gilles de la Tourette, Bernheim Fournier, Felix le Dantec, Claude Bernard, Metchnikoff, Carrel e tantos mais, e principalmente o mestre Charles Richet, Grassé, Garnier, Pierre Janet, Littré, Caro e Roubinnet, discípulos de Augusto Comte.

Em suas viagens e peregrinações, sempre repetidas, adentrava as vielas dos alfarrabistas, velhos livreiros, no Sena, na Livraria "Shakespeare and Company", de George Whitman (já foi de Sylvia Beach), onde se agasalharam Henry Miller, Moravia, Sartre, Hemingway, Jules Roman, Scott Fitzgerald, Paul Valéry, James Joyce, Pound, assíduos frequentadores do acanhado local, pleno de raridades bibliográficas; na Rive gauche, no Quartier Latin, na travessa das Queimadas, na rua da Misericórdia, no largo da Trindade, na Almeida Garret, no Chiado, em Lisboa, e nos antiquários e livreiros, em Roma, e nas vias del Coronari e Capelari.

Bibliófilo, conhecedor profundo de livros valiosos e raros, ameanhou uma livraria distinta a merecer o respeito de homens sábios e ilustres. Possuiu as obras primordiais de Littré, entre os quais o excepcional "Hippocrates", ofertado à Faculdade de Medicina USP, e foi sua pertença um exemplar raríssimo de "Essai d'une Histoire Fragmatique de la Médecine", de Kurt Sprengel, na tradução francesa de Charles-Frédéric Geiger, edição 1809, em Paris, na "Imprimerie Imperiale", sob os auspícios do imperador Napoleão Bonaparte, talvez o mais importante volume jamais publicado em história médica.

Exemplos de seu universo cultural e científico, reinado de todas as ciências, de múltiplas manifestações do pensamento, império legítimo das conquistas da alma e do espírito, em eloquentes humanismos. Bem integrado e conciliado na comunidade intelectual do velho continente e na América do Norte: relações cordiais, às mais das vezes intensas, com expoentes da História da Medicina em Portugal, como Barahona Fernandes, Tavares de Souza, Andresen Leitão; na Itália com Francesco Bronda (de S. Remo) e Arnaldo Cherubini, da Universidade de Siena, Bernard Schmitt (França), Jerzy Lutowski (Polónia), Gerhard Vesocvi (Alemanha Ocidental), e os destacados René Kaech (Basileia Suíça), Alfred Rottler (Nuremberg), senhora Marguéríte de

Benevol ao europeu, universalista, capaz de entender o homem de outros quadros de paulista legítimo, altamente brasileiro, pulsava na defesa da propulsão do Clube dos XXI Irmãos Amigos, membro exponencial e destacado presidente (1963-1964), bem como testemunhos de honras antológicas como aquarela dedicada a São Paulo, aquarela certa, mostra de citismo, certeza no amanhã prometido: transformaram-se em bandeiras de sete léguas, para em caminhar para a frente, sempre, sempre, sem parar, "Quero", "Faz-simila de sua existência, vida digna de ser vivida, a amar São Paulo e o Brasil acima de todas as coisas.

"Os médicos carecem de uma vasta cultura geral"

prof. Egas Moniz, defensor do método terapêutico-cirúrgico das doenças mentais (leucotomia cerebral). Acompanhemos Pacheco: "As maiores homenagens lhe foram prestadas e, na sessão de encerramento do conclave, os membros da delegação brasileira, impressionados com o que acabavam de assistir e justamente ufanos ante os feitos do célebre cientista lusitano, que tanto elevava o valor da nossa raça, tiveram a iniciativa, partida do saudoso colega Paulino Longo, de propor lhe fosse concedido o Prémio Nobel de Medicina". Pacheco teve a honra de redigir-lo e de ser o primeiro signatário.

O professor Pacheco e Silva, ainda a propósito de Antônio Caselano Egas Moniz, apreciava lembrar as palavras do mestre as saudações encomiásticas de Medeiros de Albuquerque: "os médicos carecem de uma vasta cultura geral e esta não se compreende sem uma sólida base artística. Aqueles que se acantocam em suas preocupações científicas sem de vez em quando elevarem os olhos para o alto, para os brilhantes domínios da arte, não possuem educação completa".

No campo da Psicopatologia é vastíssima a contribuição desse eminente paulista: Cuidados aos psicopatas, Neuro-sifilis, Problemas de Higiene Mental, Psiquiatria Clínica e Forense, premiada pela Faculdade Medicina USP, A Psiquiatria e a Vida Moderna, Curso de Aperfeiçoamento de Psiquiatria de Guerra, Palavras de Psiquiatra, Medicina Psicossomática em Ginecologia, Compêndio de Medicina Psicossomática, O Manicômio Judiciário do Estado de São Paulo, A Assistência a Psicopatas no Estado de São Paulo, Ações Psicológicas na Guerra Moderna, Crises Convulsivas e Equivalentes, Assistência aos Psicopatas nos Estados Unidos e na Europa, Desajustes Psicossociais, Hippies, Drogas, Sexo, Poluição, Envelhecer sem Esmorecer (Prémio Associação Paulista de Medicina), além de muitos outros. No 30.º aniversário de sua data natalícia (1978), já tinha dado a lume nada menos de vinte e dois livros sobre os mais variados temas ligados à ciência e cerca de 350 estudos

O estudo sobre os psiquiatras portugueses, modelar, é um esboço do evolver do génio luso nas searas da ciência de Charcot e Pinel. Nele permeiam o padre Faria, Júlio de Matos, Magalhães Lemos e Miguel Bombarda.

De Miguel Bombarda, tinha em alta conta a obra deste grande admirador de Ramon Y Cajal e da doutrina do neurónio, defensor das teorias do sábio espanhol. Apreciava discorrer sobre seus livros, máxime as "Lições de Psiquiatria", "A consciência e o Livre Arbítrio" e a "A Ciência e o Jesuitismo".

Também admirador, fora amigo de Júlio Danzas e enaltecia a sua tese inaugural "Pintores e Poetas de Rilha-folles", estudo das manifestações artísticas dos insanos desse frenocômio de Lisboa.

"Luís Pereira Barreto" (revista paulista de medicina n.º 18), traduz afeto e reverência ao douto cientista, precursor da medicina psicossomática e que defendeu tese intitulada "A teoria das Gastralgias e das Nevroses em geral". Em sua tese, Barreto buscou estabelecer relacionamento entre as afecções gástricas e o psiquismo, ponderando: "Esta teoria geral da moléstia, que é a base fundamental da patologia positiva, já tinha sido presentada para o caso especial das nevroses por muitos observadores", citando Dumas no original. Pacheco salienta que "ressente-se esta fase, sem dúvida, de marcada impregnação dos princípios filosóficos de Augusto Comte, a demonstrar o apego de Pereira Barreto, pelo criador do Positivismo. Estudou vários aspectos do mestre: Pureza de Sentimentos, Início da Carreira Médica em Jacaré, O Filósofo, O Médico e o Cirurgião, O Epidemiologista, O Viticultor e o Vinicultor, A Ferugem das Videiras, A Imigração Européia, A Terra Roxa de São Paulo, A Seleção das Espécies, O Geriatra, a Entrada na Academia Paulista de Letras, O Homem. Terminou o belo trabalho, com oportunas considerações: "o estudo e a crítica das existências ilustres são uma necessidade que se impõe a cada geração que se levanta, a cada era que surge, a cada mocidade que alvorece". A lembrar seu antigo assistente Pedro

Bibliófilo, ameanhou uma livraria distinta a merecer respeito

Miomandre-Liégeois (Bélgica), Jean Monafis (Grécia), senhora Nora Rosanigo Marriu (Roma), senhora Elis Petreia de Oliveira (Holanda), etc, etc, todos companheiros do mesmo peregrinar, sempre perquerindo, estudando com contribuições valiosas à cultura universal.

Mesmo entrado em anos, as presenças costumeiras em congressos da História da Medicina e União Mundial dos Médicos Escritores, com participação ativa, faziam-no intérprete e embaixador da alta cultura brasileira. Com Eurico Branco Ribeiro, exprimiu de forma significativa a classe médica de São Paulo, com prestígio inalterado, além fronteiras. Assim empolgando-se, empolgava os circunstantes, ávidos em acompanhar as eloquentes perorações de teses e comunicações. Terçou, em gládios de oratória e erudição em Lugano, São Remo, Baden-Mergentheim, Strasburgo, Paris, Lisboa, perorando em saudações proferidas quase sempre em vários idiomas já que dominava o francês, inglês, castelhano, alemão e italiano. Na Liguria, nas montanhas de Triora, Alpes Marítimos, exornou sob aplausos veementes, os atributos do seu talento e vivacidade. Simbolicou um período, exalçou valores de uma época.

Odilon Nogueira de Matos, o grande historiador paulista e divulgador de nossa bibliografia, lembrou, ainda, há pouco (in Notícia Bibliográfica e Histórica, n.º 128), a publicação em 1933, de um volume intitulado *Per que ser anti-semita?* colaboração de 35 intelectuais brasileiros em que se arrola o trabalho de Pacheco com o nome de "Porque não ser anti-semita?". Positiva posição em dias difíceis de pré-ditadura, ao lado de grandes bastões da liberdade, como Evaristo de Moraes, Batista Pereira, Agripino Grieco, Antônio Piccarolo, Menotti del Picchio, Gilberto Amado, Galeão Coutinho, Afonso Schmidt, Oduvaldo Viana, Solidônio Leite Filho, Hermes Lima, etc. etc.

Afirmação liberal, antifascista, plena do seu sempre repetido humanismo e espírito de justiça.

Estas simples notas de lembrança, respeito e saudade, dizem do sentimento de um de seus amigos, e discípulo, de vida paralela, muitas vezes entrelaçada, acompanhante da trajetória do insigne mestre, seu fidal e numertelar, que honrou-se honrando a coletividade paulista, dignificando São Paulo como capítulo expressivo de inteligência, cultura, medicina, ciência, erudição do Homem de Piratininga.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Carlos Alberto Salvatore - presidente

Anneliese R.F. Thon
Carlos Kleber Canova

Tertúlia

Cássio Ravaglia - Divulgação
Guido Arturo Palomba - Biblioteca e suplemento cultural
Heber Maia de Mattos - Música

Nélson Pedral Sampaio
Wanda Gonda

Pinacoteca